



ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Corte e Nictheroy... 2\$000

Periodico Critico, Litterario e Scientifico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

TRIMESTRE

Provincias..... 2\$500

CORRESPONDENCIAS, A' RUA DE S. JOSE' N. 47.

Anno I.

Rio, 13 de Maio de 1883

N. 2

LUCTADOR

Rio, 13 de maio de 1883.

Escudados pela sublime exclamação do Goëthe e empunhando resolutamente a espada, collocamo-nos á frente da grande expedição que, cortando a passos gigantescos as plagas do presente, dirige-se para o futuro.

A lisa estrada que agora trilhamos, estrada tapetada pelas flôres de uma eterna primavera e illuminada por um sol irradiante como o que brinca descuidoso nas luxuriantes florestas tropicâes, não contém os espinhos nem a escuridão que for-

cavam o sabio ousado, com o facho deslumbrante do talento, a rasgar as densas trevas que assim se oppunham á marcha da sciencia.

Mas... pouco a pouco ao longe na extrema do horisonte vão surgindo montanhas que, á medida que caminhamos mais se approximam fechando-nos a estrada finalmente. E, á vista d'este obstaculo que inesperadamente surge, que devemos fazer? Depôr a espada e ali terminar a jornada ou voltar atraz?

Nem uma nem outra cousa devemos fazer. Com Castro Alves bradamos: á vante! e com Franklin Guedes exclamamos: Companheiros! a mina á polvora succumba!

Esta montanha que assim se nos apresenta tolhendo os nossos passos, deve ser destruida.

Assim como as agnas do Jordão bipartiram-se para a passagem dos israelitas, assim esta montanha deve dividir se para dar passagem aos romeiros que dirigem-se ao porvir

A montanha que nos fecha o transito é a *educação actual*. Entremos, pois, sem mais preambulos no amago da questão.

A educação, como a primeira luz que deve illuminar a intelligencia humana que jaz, na idade infantil, immersa nas densas trevas da ignorancia, deve ser fornecida por um fóco consideravel e ter como elemento reflector a razão

FOLHETIM

MEU PASSADO

(A Sylvio de La Tour).

CARTÃO DE VISITA

Como o leão faminto a presa busca errante sacudindo co'a cauda o flanco pardacento
Como busca denoite o triste viajante
Um ar onde sacuda o manto poeirento;

Como busca o suspiro—o ai!—doido, anhelante
Uma gruta no espaço, um cóllo—o firmamento,
Como a onda procura intrepida, excitante,
Um lugar onde pouse o *dorso nevoento*;

Como o sol ao nascer vem procurar as flôres
Inundando-as de luz, jorando-lhes calor,
Dando beijos de fogo em languidos fugores;

Assim tambem eu pobre, errante caminhei
A' procura d'um sol, d'um eternal amor,
E da estrada no meio eu lasso descansei!

PRIMEIRO RETRATO

(GULNAR)

Tendes visto talvez gentil italiana
Com olhos côr do mar, cabellos aureos, finos
No labio tendo um riso...um riso que espadana
Um punhado de luz—uns traços matutinos—

Pisar *angelical* que facilmente engana
Ao mortal que fitar os pés tão pequeninos
Da madona sublime, e que o passado empana
Com traços bem crueis, de modos peregrinos.

Eis o retrato, emfim, perfeito de Gulnar
Que vende amores hoje a quem os quer comprar
Tornando-se por isto amavel, prazenteira;

E que á luz que atravessa, argentea, uma vidraça
Bebe vinho, *cognac* e...louca tem por taça
O que vemos agora, á luz, uma caveira!

SEGUNDO TYPO

(JUDITH)

Ella era linda então quando eu a conheci,
Tinha um riso de luz, um *forte* de hetaira,
As filhas da Georgia á minha bella *hourí*
Vinham junctas pedir o segredar da lyra!

Tinha um rosto de fada...olhar que até ferira
Outro olhar se encontrasse! Eu n'ella m'embebi
Contemplando talvez um riso seu que expira
Nos labios de carmim...com ella revivi!

Mas no entanto a mulher—a *perola do bem*
Me deu ingratidões fanou como a cecém
Que, pendida no hastil, perdeu todo o perfume,

E hoje vive talvez nas convulsões do vicio
Como um castigo atroz, um hórido supplicio.
—O crepuse'lo do bem no vicio se resume!

TERCEIRO VULTO

(LUCIOLA)

Como a flôr da romã ao des'brochar rubina
Ella era tambem o *anjo* dos meus sonhos,
Era debil, franzino, o corpo da menina
Que me fazia ter uns dias bem tristonhos
Gostava de brincar correndo na campina
Da laranja apanhando as flôres. E risinhos
Eram os tempos de amor que á rubra campeзина
Eu ia dedicar. Que amores tão *medonhos*.

Era ás vezes mistér que eu fosse pelo escuro
Para dar-lhe na fronte um beijo que o futuro
Me mostrou ser de fel! Um beijo me perdeu!

E hoje ella dormita á sombra dos chorões,
Tem por phanal eterno uns timidos clarões
Que se elevam do chão. Luciola morreu!

DESPEDIDA

Eis todo o meu passado é pleno de ternuras,
Tem lagrimas de amor e risos de Satan...
Amei desde a mais nobre á simples aldeã
E fui depois chorar nas suas sepulturas.

Respeitava o sepulchro, alli jazia ainda
O que amára na vida...os restos da materia
E fôsse como fôsse, a gratidão funeria
Eu devia prestar em nome da mais linda!

Hoje meu coração empederniu-se tanto!
Não quer se contrahir p'ra dar logar ao pranto...
E assim eu vivo bem, presando a minha vida;
Se foi tempo feliz o que eu vivi—não sei!
E se foi máo, qu'importa? Eu já o despresei!
A ti, ó meu ami_o, eu faço a *despedida*!

FLAVIO CONTRAND.

Com effeito, a razão é a officina em que no marmore que se chama intelligencia, a sciencia, habil estatuario com o cinzel do estudo faz, no pedestal da educação, surgir a estatua da sabedoria.

Assim, pois, como base, a educação deve ser inabalavel e resistir aos costumes decadentes, como o rochedo aos embates do mar! Deve fundar-se mais nos exemplos do que nas palavras, mais nos factos do que nos argumentos.

E' um dever que os paes têm de cumprir para com os filhos e os mestres para com os discipulos, e é um roubo que ambos commettem á humanidade se deixarem de cumprir a missão de que encarregaram-se não espontanea, mas reflectidamente.

Se a educação tem por base a moral individual e a moral social e se ella presta relevantes serviços ao desenvolvimento da intelligencia, devemos encara-la como indispensavel ao homem.

Encarada a educação por este prisma, penetremos nos collegios.

CORREIO

Sr. Sylvio de La Tour.—O senhor quer se *metter em funduras...* Quem o avisa... enfim... agradecidos.

Sr. Eugenio Thierry — Agradecidos... mas o senhor sempre tem umas *idéas lugubres...* *au reste...*

Sr. Raul Gonzaga.—A's ordens, meu caro senhor, quanto ao Frade:—*Credo quia absurdum.*

Sr. Arthur Duarte — Com alguns *retoques*, sim, senhor... si permite...

Sr. Pessanha—Recebemos, e esperamos que continue a armar estes *trapezios* tão uteis ás *flexões* do espirito.

Agradecemos immensamente.

LITTERATURA

LITTERATURA INDIANA

(Continuação)

Tratando n'esse nosso artigo do outro monumento do periodo *epopico*, o Maha-

barata, vejamos, se bem que resumidamente, qual o seu assumpto.

Si quizermos notar a circumstancia de tempo, veremos que é este poema heroico um pouco mais novo que o *Ramayana*, sendo tambem emanado de *Vichnou*.

E' elle composto de duzentos e sessenta mil versos.

Narra-se ali os tempos *mythologicos* da India, as transformações de diversas divindades, as leis indianas; e uma immensidade de personagens guerreia-se, lembrando assim a lucta que houve entre *Kuravas* e *Pandavas*.

Nota-se tambem o roubo de *Drôpali*, em que ha uma certa *similitude* com o rapto de Helena tão decantado. A linguagem algum tanto philosophica resumbra á theoria de *metempsicose*, como que havendo um élo que une as idéas indianas ás gregas.

Como na versão biblica ha tambem uma serpente, a *Nahoucha* que apparece reptilisada por causa do seu orgulho, havendo assim um ponto de contacto com os *anjos máos* de que nos dá noticia a Biblia.

Até que a final apparece um ente illeso de peccado que a restitue á forma primitiva assim como o *Christo* redimindo a humanidade.

Ha uma parte do *Mahabharata* que por si só é um poema — o *Bhagavad-Gita*.

Trata-se de uma excursão de um certo personagem, — *Ardschuna*, á região celeste de *Indra*, bem como das suas conversas com *Kristna*.

Eis descriptos os monumentos do segundo periodo litterario indiano.

Estudemos os monumentos do terceiro periodo — o *puranico*.

Este periodo deriva seu nome da palavra — *puranas*, que vem a ser a reunião de dezoito poemas de pouco folego que têm por assumpto versões populares sobre a criação, historias de heróes, etc. São ellas escriptas em verso. D'ellas é que os dramaturgos indianos tiraram idéas para as suas obras.

Como trabalhos de segunda ordem podemos citar o *Bhartri-cavya* de *Bhartri-Hari* consagrado a *Rama*; a *Morte de Sisupala* do rei *Magha* e poesias lyricas, poemas epicos, dramas e outros escriptos do celebre *Kalidasa*.

No genero lyrico devem ser notados

Sankara, o *Anacreonte indiano*, *Bhasa*, *Bhaskara*, *Carnapouraka* e outros, pois que são numerosos.

Como fabulista nota-se *Vichnou-Sarma* que escreveu o *Hitopadesa*, collecção de fabulas, de grande valor litterario.

No genero dramatico ha o *Mrichtchakuti* de *Sondraka*; o *Reconhecimento de Sakuntala* de *Kalidasa*; o *Annel do ministro* de *Visakha Datta* e outros.

Quanto á Historia, pouco se occupam d'ella os indios julgando que presentemente a idade é decadente.

Ha o *Mahavansi*, *Radjacali* e *Radjavanaki*, que são antiquissimos, que narram os trabalhos do rei de Ceylão.

E' tambem notavel o *Radja-Taringini* que historia os reis de *Kachemir*.

Eis esboçada, pallidamente, a litteratura indiana, convindo notar que nos cingimos ás obras sobre este assumpto recentemente publicadas, pois que nas antigas encontram-se graves faltas.

FLAVIO GONTRAND.

1883.

DIVERSIDADES

Cumulo da economia :

—Accender um charuto á luz do dia.

×

Cumulo do transporte :

—Fazer mudanças em *andorinhas*.

×

Cumulo da arte dentaria :

—Arrancar um dente d'alho.

×

Cumulo da gastronomia :

—Devorar *rosas* de parafusos.

×

Cumulo da medicina :

—Sangrar uma *arteria* do Amazonas,

×

Cumulo do asseio :

—Tomar-se banhos n'um *chuveiro* de settas.

×

cumulo da mathematica :

—Resolver *calculos* biliares.

POESIAS

ULTIMA CRENÇA!

A' Sylvio de La Tour.

Foi-se a ultima crença! E agora o que me resta?
—A calma dos atheus e um pouco de coragem,
Como a nota final d'uma esplendente festa,
Ella morreu de amor em meio da viagem!

E eu que acalentava a crédula esperança
De um dia repartir com ella o meu futuro,
Vejo-me agora só, que a candida crença
Deixou-me o céu de amor eternamente escuro.

E o coração assim tornou-se-me um deserto
Aonde o proprio sol lhe vem negar um beijo,
Que o phantasma da dôr avulta muito perto!

A ella entoarei uns canticos serenos...
Como adoro a materia é bem o que desejo:
—Que a se, ultura d'ella a lua beije ao menos!...
1883.

FLAVIO GONTRAND.

O FRADE

Certo frade—um hypocrita, um fingido,
A's noites de luar, em um collegio
De meninas, secreto privilegio
N'aquella casa, então, tinha colhido,

E o beato se achava engrandecido...
Alli entrava qual potente Régio
Por meio d'uma astucia, um sortilegio
Que elle dizia ter n'um livro lido.

E não parou ahi o barbadinho...
Com a filha solteira d'um vizinho
Entendeu de tambem pintar o sete

Mas, o pae da moçoila, preveni'o,
Vendo-o deitar-lhe idyllios, entretido:
Applicou-lhe uma sóva de cacete!

Março de 1883

RAUL GONZAGA

A PRINCEZA DA MORENA

(A' Francisco H. do Canto Castro Mascarenhas)

Quando da tarde a lucida opalina
Desdobra-se qual fino cortinado,
E illumina o pétreo Corcovado
Do hêspero brilhante a luz divina;

Quando o pallido collo da bonina
Beija o terno colibrio apaixonado,
E da cigarra o trémulo trinado
Soluça ao longe a briza vespertina;

Na alcova pelas flores perfumada,
A' frouxa luz da lampada oscillante
E aos pés da Senhora Immaculada,

Baixando a casta fronte irradiante,
A bella moreninha ajoelhada
Ao céu envia a prece palpitante!

Botafogo—Agosto de 1882.

FAUSTO MENDES.

SCIENCIAS

LAMPEJOS SCIENTIFICOS

(Continuação)

Na Antropologia ou sciencia que tracta do homem, podemos encontrar os dados que o fazem distinguir dos animaes denominados *irracionaes*. O raciocinio esclarecido e a palavra articulada com consciencia, são caracteres que servem para distinguil-o dos outros animaes. O grande naturalista suéco Carlos Linnêo, distinguio os tres reinos da Natureza, nas seguintes palavras: «os mineraes crescem, os vegetaes crescem e vivem, os animaes crescem, vivem e são dotados de sensibilidade. Este modo de distinguir é imperfeito, segundo as descobertas que têm sido feitas; porém, elle, ainda é aceito por alguns naturalistas. Mas, ha uma relação intima, que não pôde ser totalmente desligada, entre o vegetal e o animal, desde que a sciencia descobriu as denominadas *arvores animaes*, como o *Algól*, os *Zoantos*, a *Hydra viridis*, etc., etc. Desde o humilde *Protococcus nivalis* que mede $\frac{1}{500}$ de millimetro até os *Cedros collossaes do Libano*; desde o *proto-zoario* até o *homo sapiens* de Linnêo, ha uma verdadeira escala natural, a qual, vai pouco á pouco se tornando chromatica, por typos intermediarios. Isso vem provar o aphorismo de Goethe: «*natura non facit saltus*.»

Na Chimica organica, a descoberta do glycol ethylenico (C₂ H₆ O₂) pelo Sr. Wurtz, veio preencher a lacuna que havia entre os alcool smono—atomicos representados pelo ethylico (C₂ H₆ O) e os tri—atomicos representados pela glycerina (C₃ H₈ O₃). O glycol é, portanto, um alcool di—atomico. N'esta mesma sciencia do carbono, encontramos muitos outros exemplos dos quaes citaremos os *alcools deshydrogenados* ou *aldeydos* que são os verdadeiros élos que prendem um alcool á um acido correspondente.

Assim, o aldeydo acetico que é isomérico com o anhydrido do glycol ou oxydo de ethyleno (C₂ H₄ O₂) é o intermediario entre o alcool ethylico e o acido acetico: C² H⁶ O — C² H⁴ O — C² H⁴ O² alcool ethylico aldeydo acetico acido acetico

Na Historia Natural, um *améba* não é mais que um ser intermediario entre um animal e um vegetal.

Para darmos alguma idéa do que seja um *améba* e d'onde elle se origina, diremos alguma cousa sobre os cogumelos.

Os cogumelos, que outr'ora foram denominados seres ambiguos, possuem um grupo denominado o dos *Myxomycetos* que é curioso e importante. Segundo Cauvet, o *Myxomyceto* (que é um vegetal) offerece os caracteres da animalidade, tendo movimento de reptação, e patenteando até visivel sensibilidade ao

microscopio, quando é submettido á influencia dos excitantes.

Definindo o *Myxomyceto*, diremos: é um vegetal protoplasmico dotado de movimentos semelhantes aos antherozoides ou Zoosporos

E' uma definição que satisfaz plenamente.

Sob a influencia de conlições apropriadas, estes seres podem originar algas, ou animaes denominados *améboides*

D'ahi, deduz-se a existencia do améba.

Depois de pesquisas importantes, os Srs. Archer e Hick verificaram esta pasmosa descoberta. Os *myxomycetos* são de textura analoga á dos *amébas* que são denominados *animaes sarcódicos*.

Archer, estudando o protoplasma das cellulas primordiales do vegetal *Stephanosphaera pluvialis*, viu este se metamorphosar em *amébas* que são verdadeiros animaes cellulares. O mesmo succedeu com Hick nos spóros d'uma alga: o *Volvox globator*.

Foram duas descobertas pasmosas e magnificas que vieram abrilhantar mais ainda o sublime quadro da Historia Natural.

O que mais vem patenteiar a fusão dos dous reinos da Historia Natural é, além de muitos outros exemplos, a observação dos germens dos *asplendium* dos *polypodium*, que são verdadeiros animaes e movem-se em posições diversas, quando os observamos ao microscopio!

E se nós formos examinando attentamente essas *mesquinherias* da Natureza, como o *Protococcus nivalis*, o *Bacterio termo*, etc., etc., veremos uma singular confusão entre esses seres, sendo ambos unicellulares! Eis ahi uma das principaes singularidades, que o naturalista, depois de muito fatigar-se, dará talvez alguns passos além, mas chegará o momento em que elle encontrará um athletico e poderosissimo gigante que lhe tolherá esse mesmos passos: é o mysterio do Creador. Esta sciencia, importantissima como é quanto são as outras que, á ella, acham-se ligadas, como a Physica, a Chimica, a Botanica, a Zoologia, a Geologia, a Paleontologia, etc., etc., tem ainda muito que caminhar com o archote apagado nas trévas mysteriosas da Natureza, sob o docel do infinito e da ampulheta dos seculos!

RAUL GONZAGA

CARTAS A FAUSTO MENDES

1.

Homem, que és tu?

D'onde vem teu orgulho, animal que só tens de superior o poderes dizer o que sentes?

Onde televará teu orgulho de te querer tornar o rei de tudo quanto existe? Quem te deu semelhante poder?

Lembra-te da legenda do problema do portico do templo de Delphos: *Nosce te ipsum*. Vê, vaidoso, que não és melhor que os outros animaes, que tu chamas irracionais.

Elles tem tanta intelligencia como tu, a unica differença é que tu educas a tua e elles coitados não o podem fazer.

Ensina ao Cão, um caminho. ensina-lhe a levar qualquer objecto a um certo lugar, que elle o fará, sempre que lh'o repetires.

Dá-lhe com um páo, batte-lhe, que elle fugirá, sempre que quizer ou pensar que lhe vaes batter.

Ao contrario, faze-lhe festa, acaricia-o que se achegará sempre que o chamares.

O que é isto? manifestação de uma intelligencia educavel, mas não manifesta-vel por meio da palavra.

Ainda mais: se tiveres um cão e alguém te quizer batter elle tomará a tua defesa.

O que isto? manifestação de uma intelligencia o animal conhece que aquelle é teu inimigo e por isso deffende-te d'elle.

Ensina a um papagaio o que é comer e quando se deve empregar a phrase, e deixa-o sem comida, que elle em breve dirá.—O papagaio tem fome ou o papagaio quer comer.

Em fim ensina a um passarinho a sahir de sua gaiola e voltar para ella que elle o fará quotidianamente, mas deixa-o na gaiola, sem comida alguns dias, e depois abre-lhe a prisão, que elle não mais voltará. Porque? Porque conhece que se passar mais tempo sem comer elle morrerá. Em quanto era bem tratado, voltava. desde porém que lhe faltaste o primeiro dia com o alimento elle fugio.

Ensina tudo que quizeres ao macaco que elle fará immediatamente, e sem difficuldade, imitar-te-ha em todas as acções que praticares; elle não falla mas faz-se comprehender por ti. Finge attirar ou fazer fogo sobre uma macaca que ella te mostrará seu filho nos braços.

Só faltará fallar, o que não faz unicamente porque o órgão não é apto para isso—se o forçares porém ella fará esforços visiveis para isso.

Emfim tu tiras argumentos de que elles (animaes) não podem exprimir-se, isto é, porém, uma questão de materia aperfeiçoada: é a existencia de um órgão proprio para o fim. Cito-te um exemplo: Nunca viste um mudo? Já, não é exacto?

Pois bem, o mudo pensa, raciocina. Julga, quer, e faz tudo que nós fazemos; falta-lhe porém o órgão, que ou se acha atrophiado ou tem outro defeito qualquer.

Suppõe que é isto que se dá no macaco, e terás tudo explicado, e ter-te-has convencido de que em nada lhe és superior.

Convence-te de teu orgulho deixa essas theorias erroneas e absurdas, que só servem para encarecer teus merecimentos

aos olhos do teu semelhante e aos teus proprios.

Entra na Historia natural e vê a successão de todas as especies; vê e compara as relações intimas que guardam entre si e admittie a differença do meio e deste modo modo explicarás e mudanças, as formas e os caracteres differentes que elles, em geral, te apresentam:

Observa os phenomenos naturaes, julga d'elles, medita.

Virá tempo em que na terra, no globo, apparecerá uma raça, um animal mais intelligente que tu; assim como hoje, temos mais conhecimento do que nossos ante-passados.

Qualquer chimico de hoje sabe mais que o sabio Lavoisier; qualquer Galeno de hoje, é trez vezes mais sabio do que o immortal Galeno.

Hippocrates, o genio, si ressucitasse abysmar-se-hia diante da medicina moderna.

Archimedes levaria palmatoadas dos nossos mathematicos e Bichat, descobriria mundos, e ficaria pasmo diante de sua filha immortal-a anatomia geral.

Os muros de Babylonia cahiriam diante das machinas de guerra de nosso seculo, como o homem cahirá ao sopro da verdade, no dia em que o seu orgulho perder a ultima mollecula de sua individualidade de ficticia e passageira.

Nós não somos os perfeitos, e na successão das raças o homem nunca chegará á perfeitabilidade, porque nesse dia elle nada mais desjará.

10-5-83

SYLVIO DE LA-TOUR.

UMA PALAVRA SOBRE A PENA DE MORTE.

(Continuado do n. 1.)

Muita gente teve a veleidade de acreditar que o Brazil, era um paiz de progresso moral mas como tambem nos aconteceu todos se enganarão; e quando a geração de hoje persuadia-se que desceria ao tumulo bem ditosa de não conhecer esta machina negrejante e brutal denominada forca, inopinadamente a forca ergue-se aos olhos atonitos do povo nas cidades de Campos e do Pilar.

E contra quem surgiu do antro em que soterrando este infame instrumen o? Elle reapareceu mais tetrico e pavoroso contra as victimas degradadas e abatidas da *Escravidão*.

Foram enforcados os *escravos* condemnados á morte por haverem assassinado os seus senhores. A imprensa livre levantou vivos protestos contra a pratica d'este attentado social para punir um attentado individual.

O que têm feito 19 scenlos de christianismo senão conseguirão ainda abolir a penade morte d'entre os povos christãos? A inquisição este requintado invento da maldade humana, esse satanico sophisma clerical, que assim decidira supprimir vidas sem derramar sangue, essa monstruosa e funestissima *bestialidade* do fa-

natismo religioso, essa negra e hedionda mancha do catholicismo, foi como ninguem ignora um tribunal que fez da fogueira cada falso e tanto estrangulava para queimar, como queimava em vida a fogo lento. Osreis senhores tambem gostavão de ser executores alem de mandar para a forca os seus inimigos e desaffectedos. Carlos IX rei de Franca: ei ahi um dos muitos reis carrascos, figura eminente de S. Barthelmy, e mais cruel ainda que o proprio carrasco de Lyão, que se recusou a matar os protestantes porque só trabalhava, disse elle, por ordem da justiça.

Em nosso paiz; Calabar, Tiradentes e Ractcliff e seus dois companheiros foram enforcados e esquartejados; seus membros mutilados forão collocados em postes á contemplação do povo, e a cabeça de Ractcliff metida em salmoura e enviada a prazença de *Reaes Altezas* que muito desajavão vel-a assim. O padre Roma, criminoso politico como Tiradentes e Ractcliff, é igualmente um dos que pagarão no supplicio a audacia de pretender na sua terra natal a independencia. A sociedade é illogica, incoherente, contradictoria instituindo ou mantendo a pena de morte. « Matar o matador, diz Grandin absurdo por imitação » Este absurdo é um meio prompto e facil a que recorre a sociedade para poupar-se ao incommodo de converter um filho pervertido.

Morticinios ou regicidios nada mais fazem que manchar de sangue. Com taes meios nem a liberdade triumphanem a tyrania perpetua-se. Mario e Seylla victimando por sua vez os seus contrarios apenas appressaram a dictadura de Julio Cezar. Bruto e Cassio assassinando Cezar não conseguirão salvar as liberdades Romanas, antes mais cedo as perderam deixando-as succumbir as mãos de Augusto e de seus abominaveis successores. A existencia d'esta pena no codigo das nações é um opprobrio maior ainda que a escravidão social. E' tempo de destruir para sempre esse triste vestigio das eras do paganismo.

EUGENIO THIERRY.

ANNUNCIO

COLCHARIA

DE

EDUARDO JOSÉ DA COSTA

RUA DE S. CLEMENTE N. 39

Botafogo.

Camas de ferro com travesseiros, colchões etc, etc, 9\$000,.....	10\$000.
Marquezas de vinhatico com 6 palmos de largura.....	30\$000.
Ditas de 5 palmos.....	28\$000
Ditas de 4 palmos.....	24\$900
Colchões de capim para caçal 6\$, 8\$ e	10\$000
Ditos de 3, 4 e 5 palmos 2\$, 4\$, e....	5\$000
Almofadões de paina flor de canna, (par).....	6\$000
Acolchoados de crina vegetal 4\$, 6\$,	8\$000

Encarrega-se não só de reformar colchões com capa de algodão ou de linho por 10\$, 15\$, 20\$000, como tambem de qualquer outro trabalho concernente ao mesmo ramo de negocio.

Typographia—Rua de S. José n. 47.